

Percepções sobre Turismo, Lazer e Conservação Ambiental: um estudo com moradores do entorno de uma reserva florestal urbana

Perceptions on Tourism, Leisure and Environmental Conservation: a study with residents of the surrounding area of an urban forest reserve

Maria de Nazaré Lima Ribeiro¹
 Maria Inês Gasparetto Higuchi²

Resumo

Neste artigo, discute-se a percepção de moradores sobre uma proposta de turismo e lazer como uma das possibilidades de mitigação dos impactos sobre a Reserva Florestal Adolpho Ducke em Manaus-AM. Nessa pesquisa de abordagem qualitativa, procurou-se por meio de entrevistas semi-estruturadas e observação participante compreender as expectativas e percepções sobre turismo dos moradores do entorno da Reserva. Das entrevistas semi-estruturadas participaram 57 moradores de ambos os sexos, que vivem na localidade a pelo menos 3 anos. Para essas pessoas o Projeto Ponta Verde, proposta feita por alguns pesquisadores à Prefeitura de Manaus, antes de ser uma proposta ambiental é uma possibilidade de desenvolvimento social, de inclusão e valorização dos moradores. Nesse sentido, a área verde da Reserva passa a ter sentido para que seja conservada, pois a mesma representa um aspecto constitutivo de cidadania e não apenas um cenário a ser desfrutado por outros.

Palavras-chave: turismo; percepção ambiental; conservação ambiental.

Abstract

In this article we discuss a proposal of tourism and recreation as a possibility of mitigating the impacts upon Adolpho Ducke Forest Reserve in Manaus, Amazon. This study of qualitative approach is trying to understand the expectations and perceptions about tourism through semi structured interviews, participative observations and notes on field trip journals. Fifty seven residents participated in the structured interviews. They were men and women who are living in the area for at least three years. For these people, the Ponta Verde Project presented by a group of researcher to the City Hall, besides being an environmental proposal is also a possibility of social development, social inclusion and valorization of the residents. In this sense, the green area of the Reserve would be important to be preserved since it represents not only a place to be enjoyed but mainly an essential space of citizenship.

Keywords: tourism; environmental perception; environmental conservation.

¹ Turismóloga. Especialista em Ecoturismo e Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade Amazônica formada pelo Centro de Ciências do Ambiente de Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisadora voluntária do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA). E-mail: nazarelima@ibest.com.br

² Doutora em Antropologia Social, Coordenadora e Pesquisadora do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA).

1. Introdução

Ao longo da história o turismo firmou-se como um fenômeno mundial desencadeando transformações sócio-espaciais e ecológicas. Acredita-se que essas mudanças ocorreram em muitas regiões internacionais e nacionais, contribuindo sobremaneira para a melhoria da qualidade de vida das populações em diversos aspectos: conservação ambiental, geração de renda, emprego e educação. Nos meios de comunicação, o turismo pode ser considerado um propulsor de divulgação e valorização do local.

Nesse contexto, algumas localidades brasileiras entraram neste nicho de mercado aproveitando as oportunidades. Entre elas, destacam-se de modo especial Fernando de Noronha em Pernambuco e Bonito em Mato Grosso. Acredita-se que essas localidades souberam harmonizar a atividade turística com conservação da natureza, usando como estratégias o Planejamento Participativo e Políticas Públicas adequadas às culturas locais por meio de ações contínuas de Educação Ambiental. Essas ações conjuntas contribuíram para melhor qualidade de vida dos moradores, melhor prestação de serviços aos visitantes, maior cuidado e valorização dos recursos ambientais.

Sob essa ótica de integração harmoniosa entre ambiente natural e sociedade que o Projeto Ponta Verde de Manaus foi proposto por pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). A proposta, de forma sucinta, seria a transformação de áreas do entorno da Reserva Florestal Adolpho

Ducke (RFAD) num grande complexo de recreação e visitação pública, tendo várias piscinas e centros de atividades culturais.

A RFAD é constituída por uma área típica de mata de terra firme de 10,000ha situada ao nordeste de Manaus, pertencente ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). A reserva foi criada para servir como área de pesquisa e conservação do meio ambiente pela característica de sua floresta, as inúmeras nascentes hídricas e fauna exuberante. Por sua proximidade de Manaus, grande parte da face Sul e Norte e uma pequena parte da face Oeste da reserva são coladas a bairros densamente povoados. Para assegurar sua relativa integridade, em 2004 uma faixa na borda leste da reserva foi cedida para a Prefeitura Municipal para a criação do Jardim Botânico de Manaus, onde atualmente há uma sede construída para abrigar atividades socioambientais com as comunidades vizinhas. Cabe registrar que a RFAD não faz parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), isso colabora para que outras atividades também sejam priorizadas. Importante

informar que os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), já desenvolvem pesquisas nesta área desde 1959, tornando uma das três áreas de floresta tropical mais estudada do mundo.

De modo geral a população do entorno ocupou a área de forma espontânea e até o presente não há regularização de seus terrenos. Além disso, esses moradores, apesar de terem se fixado há pelo menos 10 anos, vivem com pouca ou nenhuma infra-estrutura urbana. Soma-se a esta situação o baixo poder aquisitivo e a falta de oportunidades sociais.

Embora o Projeto Ponta Verde de Manaus tenha sido apresentado ao Governo do Estado, Prefeitura e Empresas Privadas, ainda é uma realidade a ser concretizada, tanto como possibilidade concreta como expectativa dos moradores. O Projeto Ponta Verde de Manaus não chegou a ser divulgado de forma estruturada aos moradores. A apresentação do Projeto Ponta Verde aos moradores foi feita durante as entrevistas onde se fez uma breve introdução das idéias propostas e a partir disso verificar o que eles pensam a respeito, uma vez que o envolvimento e participação comunitária em qualquer projeto têm sido considerados parte vital do sucesso e da consolidação das metas estabelecidas por todos os segmentos sociais envolvidos.

Todavia, a complexidade das questões sociais e ambientais encontra variadas interpretações de sua realidade vivida e na possibilidade de mudanças por parte dos grupos sociais envolvidos. A busca por melhorias da qualidade de vida da população traduz-se em uma luta constante de sobrevivência dos menos favorecidos para usufruir direitos legais. Por isso, ao vislumbrarem a possibilidade de transformar a paisagem estática da RFAD em um pólo turístico, os moradores de modo geral consideraram o Projeto Ponta Verde de Manaus como sinônimo de múltiplas oportunidades. A proposta feita pelos pesquisadores fundamenta que tal mudança abriria um imenso leque de trabalho, renda e benefícios sociais aos moradores do entorno. A proposta defende ainda, que com a implementação de um espaço de lazer e turismo, haveria melhoria da infra-estrutura urbana além de incorporar um novo sentido à área verde da RFAD. Com base nesses pressupostos os pesquisadores argumentam ao poder público que, pelas melhorias sociais e econômicas dos moradores, estar-se-ia estimulando uma nova aliança de preservação ambiental.

Em sendo uma área de rica diversidade biológica e de imensurável valor ambiental comprovada cientificamente, esta seria assim entendida pelas populações que se fixaram no seu entorno? O contraste dessa valorização ecológica com as condições sociais vivenciadas pelas populações estaria produzindo percepções e significados antagônicos de preservação e

desenvolvimento? O Projeto Ponta Verde com seus objetivos fundamentados no turismo e lazer para a melhoria social para as populações, não estaria correndo o risco de introduzir mais conflitos sociais e devastação dos recursos naturais da reserva? Um pólo turístico atenderia as necessidades sociais e interesses dos moradores, de modo a contemplar a preservação da floresta? Em resumo, qual a percepção dos moradores sobre turismo e lazer no entorno da reserva, tendo como base seus recursos naturais?

Diante dos questionamentos acima, este estudo buscou ouvir os moradores a respeito de suas percepções sobre a proposta de implementação do Projeto Ponta Verde de Manaus, a qual prevê a criação de um complexo de turismo e lazer para aquela área do entorno da reserva florestal. Nesse sentido é importante iniciarmos nossa discussão apresentando o marco teórico que nos conduz na análise da percepção associada ao turismo tendo áreas naturais como o foco principal.

2. Turismo e Percepção Ambiental

O turismo como indústria de prestação de serviços vem crescendo ao longo da história em todas as categorias e modalidades. Com a organização dessa atividade humana, os conceitos e práticas foram tomando corpo e sendo descritos a partir das complexidades inerentes ao tema. Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo é caracterizado como um deslocamento de pessoas de seu domicílio cotidiano, por um período mínimo 24 horas, com a finalidade de retorno. O turismo em si se concretiza pelo tempo livre das pessoas, as quais podem utilizá-los para o lazer, para compras, para descanso ou para atividades de errância, ou seja, uma fuga da rotina cotidiana. Segundo a América Express (*apud*, TRIGO, 2000), turismo está voltado para a área de serviços confirmando o “rótulo” de indústria. Nessa indústria de produtos intangíveis, as principais ofertas são: as viagens, incluindo traslado, hotéis, motéis, outras formas de hospedagens, restaurantes, cafés e similares, serviços de recreação, lazer e cultura.

Essa conceituação reducionista de turismo, entretanto, não contempla aspectos muito maiores da sociedade humana. Nesse sentido, Wahab (1991 p. 26) apresenta o turismo como:

“[...] uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação envolvendo deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a atividades remuneradas”.

Para esse autor, o conceito geral está ligado ao lazer e, à troca de experiências e informações, mas tal atividade estaria gerando um grande ganho coletivo, ou seja, criando um elo de interação entre povos, de uma mesma nação ou fora dela. Assim, o turismo contempla aspectos importantes das relações sociais e modos de vida que permitem a permeabilidade das diversidades culturais serem vivenciadas através de deslocamento e comunicação das pessoas pelo turismo.

Além desses aspectos específicos das inter-relações das pessoas pelos deslocamentos geográficos, vemos os deslocamentos e redefinições de significados e interesses que se criam, que se reproduzem ou que se modificam. E nesse aspecto, presenciamos a transformação de lugares onde a natureza jazia estática, para ser contemplada e admirada pela sua exuberância nativa. A natureza *in natura* passa a ser também um foco de interesse no turismo, ou melhor, no chamado ecoturismo. Alia-se ao rústico e ao intocado um componente exótico, onde os empreendedores do turismo vêem uma possibilidade de associar o entretenimento com questões éticas de sustentabilidade ambiental e compromisso social. Juntam-se num mesmo empreendimento o ambiente, o entretenimento e o desenvolvimento com participação social das populações que de alguma forma estão envolvidas com o lugar de turismo.

Com essa nova tendência socioambiental, está implícita a participação efetiva de todos os segmentos da sociedade envolvidos no empreendimento turístico. Para os profissionais há uma questão de mercado bastante óbvia a partir das condições e potencialidades do lugar, porém ao pensarem na população que reside nas proximidades dessas áreas nativas, é necessário acionar um processo de inserção comunitário. Neste sentido, Tuan (1980) defende que os ambientes sejam naturais ou construídos, englobam muito mais do entorno de algo ou alguém. Para o autor, não há separação entre as pessoas e a natureza. Tuan (1980), introduz no debate técnico a necessidade de entendimento da relação ambiente-pessoa, ou melhor, da co-existência das paisagens natural e sociocultural.

Esse marco epistemológico nos possibilita compreender que à medida que as pessoas reencontram seus espaços como prolongamento de sua própria identidade individual ou coletiva as relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de construção, destruição ou recuperação da paisagem dando assim valor e sentido ao lugar. As pessoas passam a enxergar a perceber o lugar como prolongamento de suas vidas, a partir dessa percepção fica ainda mais visível à tese defendida pelo autor.

Os estudos sobre percepção ambiental incorporam esses aspectos de interdependência do ambiente físico com a sociedade, de modo que ambos são partes de um mesmo mundo, um

aspecto do outro. Espaço aqui entendido não como um elemento exterior às pessoas, mas uma dimensão da interação com ele (GUATTARI, 1994; DEL RIO, 1999; HIGUCHI, 2002; SANTOS, 1997). Esses estudos marcaram um passo importante para entender o significado das intencionalidades humanas como parte integrante da formação do ambiente. A percepção ambiental sob o aspecto fenomenológico constitui-se em uma realidade complexa, onde a relação mútua entre pessoas, fatos e coisas, só pode ser entendida dentro de um contexto, ainda assim, a compreensão total torna-se difícil (MEARLEAU PONTY, 1999). Todavia, as compreensões para tais experiências perceptivas são diferentes de pessoa para pessoa no tempo e no espaço.

A percepção ambiental dos moradores sobre turismo nas proximidades de suas casas, num ambiente visto apenas como um lugar a ser conservado por imposição legal e científica, pode nos trazer importantes elementos que subsidiarão o projeto de empreendimento socioambiental nomeado Ponta Verde. Com base nestes aspectos conceituais buscou-se compreender a percepção dos moradores sobre a implementação da proposta de turismo e lazer naquele lugar de floresta.

3. Caminhos Metodológicos

Para este estudo utilizamos a pesquisa qualitativa por considerar que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis. A pesquisa qualitativa permite a localização da relação sujeito-objeto como preocupação central, por isso, compreender a relação sujeito-objeto é compreender como o ser humano se relaciona com tudo que está em seu entorno, tudo que os rodeiam como as coisas, os objetos, a natureza, e com a vida.

A pesquisa foi realizada em dois lugares próximos, mas distintos e caracterizados pela nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, S/D), como pequenos aglomerados urbanos. O primeiro local da pesquisa, denominado pelos moradores como Aliança com Deus, fica localizada no entorno Sudeste da RFAD, onde existiam vários terrenos, mas apenas 40 casas construídas até o momento deste estudo (2004 – 2005). Esse “assentamento”, como é designado pelos moradores, estabeleceu-se por meio de ocupação espontânea “dirigida” em meados do ano 2002. Em outras palavras, a ocupação foi “liderada” por uma pessoa que se dizia dono e estaria vendendo os terrenos por preços simbólicos. Segundo relatos dos moradores essa pessoa apareceu vendendo os terrenos depois de abrir a rua. O segundo lugar da pesquisa foi uma das ruas ao Sul do Jardim Botânico. Nesta rua

havia aproximadamente 60 terrenos, todos com casas construídas, Como o Assentamento Aliança com Deus essa localidade também se estabeleceu por meio de ocupação espontânea em meados de 1997. Em termos político-administrativos ambas fazem parte do mesmo bairro, Jorge Teixeira.

Neste estudo adotou-se a observação participante associada à entrevista semi-estruturada (GIL, 1999). Nesse processo, fez-se uso de um roteiro básico que enriqueceu a pesquisa com a coleta de fragmentos de relatos orais mais significativos para esclarecer a problemática em investigação. O acesso aos moradores deu-se a partir de visitas técnicas, acompanhando o grupo de pesquisadores do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) do INPA, no âmbito do Projeto de Mobilização Comunitária na Ducke (EDUCKE), naqueles anos em execução com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia (PPG-CASA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

A inserção na comunidade teve duração de seis meses, período que possibilitou o desenvolvimento de familiarização com o cotidiano dos moradores e estabelecer uma compreensão mais dinâmica entre o mundo real aos modos de agir e pensar dessas pessoas. Ao final desse tempo partiu-se para a realização de entrevistas com alguns moradores. A escolha dos entrevistados deu-se de forma aleatória e foram realizadas no período de fevereiro a maio de 2005. Participaram desse procedimento 57 moradores, de um universo de aproximadamente 130 moradores do entorno da RFAD de ambos os sexos e graus de escolaridades diferenciados. As entrevistas foram efetuadas nas próprias casas dos participantes, sendo gravadas em fitas cassetes, conforme consentimento do morador e transcritas imediatamente após sua realização. Além disso, tomou-se o cuidado de registrar os aspectos qualitativos como silêncios, pausas prolongadas, sorrisos e alteração de voz; após essa etapa, fez-se o que Bardin (S/D) propõe, a leitura flutuante do material, intercalando leitura e escuta das entrevistas, projetou-se a grelha (colunas) de categorias e selecionaram-se as falas analisadas neste estudo.

As pessoas que responderam as entrevistas estavam na faixa etária de 18 a 75 anos. Os participantes vivem no local há pelo menos três anos, alguns são trabalhadores autônomos, outros são empregados formais, donas de casas e aposentados.

4. Resultados e Discussão

Ao serem apresentados à proposta do Projeto Ponta Verde, feita pelos pesquisadores, os moradores de modo geral manifestaram aprovação. Os argumentos foram centrados em diversos aspectos, seja de oportunidades de emprego e renda (40%), de possibilidades de inclusão social (25%), de melhoria de entretenimento (12%), de maior segurança (16%) e de maior integração com outros grupos sociais (7%). Esses aspectos são justificados a partir de necessidades vivenciadas por essa população em cujo aspecto vê uma saída digna dos problemas que querem ver sanados.

4.1. Oportunidades de Emprego e Renda Familiar

É consenso que as atividades turísticas possibilitam ganhos extras a população receptora, sem a necessidade de ter um emprego regular ou necessidade de grandes investimentos. Esse aspecto se confirma com os moradores do entorno da RFAD. As respostas mais frequentes, para 40% dos moradores traduzem-se em expectativas econômicas. Em uma visão mais otimista observa-se ainda, que a expectativa idealizada da proposta de turismo e lazer seria uma atividade que solucionaria os problemas mais básicos, como a falta de trabalho emprego e profissionalização. Essas percepções podem ser observadas nas falas dos moradores³:

Os moradores poderiam trabalhar como guia (I.M.D, estudante 22 anos).
Seria bom pra nós que trabalhamos como autônomo, seria bom pra todos os moradores (M.N.S, pedreiro, 30 anos).
Seria um meio de trabalho mesmo sem ser empregado [...] (C.A.R, dona de casa, 28 anos).

Segundo Paiva (1995, p. 35), “o trabalho é considerado uma necessidade primeira das pessoas,” Arendt (2002) concorda e enfatiza que as pessoas em razão da própria natureza humana possuem necessidades que devem ser satisfeitas para permitir a sua sobrevivência. Observa-se que para esses moradores o Projeto Ponta Verde seria uma possibilidade de mudanças na qualidade da vida econômica.

Outra preocupação dos moradores se refere aos jovens, onde a marginalidade e a desocupação aparecem como um ponto de intranquilidade às famílias. A geração de emprego para os jovens seria uma solução esperada através das ações do turismo. Por isso, o Projeto Ponta Verde representa para esses moradores,

³ Nota do Editor: todas as falas dos moradores foram destacadas como citações longas.

[...] uma forma de emprego, os jovens teriam com que se ocupar e a marginalidade seria menor, (M.C.R.V, dona de casa, 50 anos).
A construção de hotéis, lanchonetes, restaurantes geraria mais emprego pra nós [...] (M.C.M, dona de casa, 29 anos).

A expectativa de implementação do Projeto Ponta Verde traduz-se ainda em geração de renda. Com a possibilidade de entrarem no roteiro turístico da cidade, os moradores almejam vender os produtos fabricados por eles sem deslocarem-se de um bairro para outro. A oportunidade estaria perto. O turismo, embora seja uma atividade atrelada aos grandes capitais, oferece oportunidades a pequenos comércios, e negócios mais participativos, como pousadas, restaurantes e bares, com as mais variadas prestações de serviços, que se espalham por todos os locais turísticos (CORIOLANO, 2003). Com o bairro sendo visitado por turistas e moradores de outros locais da cidade, observam-se expectativas de melhorias, tanto financeiras quanto social,

Ia ter movimento, as pessoas indo pra lá e pra cá e a gente trabalhando, vendendo nossos artesanatos, roupas de banho e outras também (M.V.C, dona de casa 35 anos).
Acho que esse projeto vai trazer renda para a população, eu acredito que muitas pessoas aqui ganhariam o seu sustento trabalhando com comércio, comida, café, vendendo o que fosse possível (G.O.S, cobradora de ônibus, 25 anos).

O turismo segundo Coriolano (2003), é uma forma de inclusão no mercado de trabalho para as pessoas que estão afastadas da economia formal. Então para os moradores das localidades no entorno da reserva, o Projeto Ponta Verde simboliza uma possibilidade de geração de renda, consumo, investimento e melhoria da infra-estrutura da cidade. Segundo a percepção deles, onde há turismo, a circulação monetária flui mais rápida, facilitando assim a vida das pessoas que trabalham com a economia informal.

Nessa concepção Arendit (2002) acrescenta que o turismo está incorporado ao cenário mundial, como um grande aliado na arrecadação de divisas aquecendo a economia de muitos países no mercado de serviços, e ainda aglutinam profissões que começaram a surgir no mercado de trabalho nos níveis gerenciais, administrativos e operacionais. Essa demanda na área de serviços vem ao encontro do relato do morador ao mencionar o desenvolvimento intelectual e profissional das pessoas após a implementação de atividades turísticas em outras localidades.

Onde há turismo a capacidade intelectual das pessoas evolui muito. A gente vê a evolução das pessoas. Morei em Pernambuco e outras cidades do nordeste. O turismo tem ajudado muita gente por lá. Aqui também seria assim. Esse projeto ajudaria os moradores daqui. Eles sentiriam vontade de evoluir intelectualmente e profissionalmente (J.T, militar, 63 anos).

Capacitar as pessoas para atender o turista com cursos de inglês, espanhol... assim as pessoas que ainda não terminaram os estudos iam querer continuar (G.O.S. cobradora, 25 anos).

Nesse sentido, as percepções dos moradores reafirmam a concepção de que o turismo está interligado a várias ações básicas e transformadoras, abrangendo desde a educação formal até as profissionalizantes do pólo receptor (CORIOLANO, 2003).

4.2. Expectativa de inclusão social

A busca pela cidadania e valorização está presente em todas as camadas sociais, porém, parece mais aflorada quando se tratam de classes menos favorecidas, ou as que moram em lugares distantes e precários nos serviços básicos de infra-estrutura. Entre os moradores, 25% confirmaram a inclusão social ao vislumbrarem a possibilidade de implementação do Projeto Ponta Verde. Sem esperanças de melhorias por parte dos governantes, a percepção de uma moradora com relação às melhorias para o bairro parece uma ação muito distante, por isso coloca que o Projeto Ponta Verde de Manaus é um sonho a ser concretizado,

[...] ficaria ótimo isso é um sonho a ser realizado (M.P.S dona de casa, 40 anos).

Embora o bairro faça parte da cidade, mas por estar localizado em uma área considerada “periferia”, a moradora não consegue tornar seu desejo real, deixando-o assim no campo dos sonhos, mesmo porque todas essas ações de mudança não dependem da sua vontade. Em outro relato o morador acha importante a preocupação dos pesquisadores do INPA com a RFAD, pois

Acho que esse projeto vai ajudar as pessoas a saber a valorizar mais a Reserva Ducke, o Jardim Botânico e toda essa floresta que ainda tem aqui, (D.S.S, 18 anos estudante).

Observa-se que embora morando próximo a uma área de grande valor científico e ambiental não consideram o lugar valorizado e por isso sentem falta desse reconhecimento. Para eles o reconhecimento e valorização viriam com o projeto de turismo e lazer. Essas percepções confirmam a tese que Coriolano (2003) defende como sendo o turismo uma forma de desenvolvimento e inclusão social para as pessoas.

Nas áreas chamadas periféricas os moradores expressam que há uma segregação das ações de cidadania. Essas áreas, segundo os moradores, são visitadas assiduamente pelos concorrentes a cargos políticos durante as campanhas eleitorais. Entretanto, ao finalizar a campanha a área fica “esquecida”. Nesse sentido, a percepção do morador em relação ao projeto de turismo e lazer Ponta Verde deixa claro que seriam vistos, valorizados e incluídos nas agendas de políticas públicas. O projeto faria com que os governantes se deslocassem até o bairro com mais frequência, verificando a necessidade de embelezamento e organização, em tempos diferentes aos de eleição,

[...] seria bom para esse bairro seria mais olhado porque os políticos só andam aqui na época do voto, depois vão embora, com o projeto os políticos não iam sair daqui (E.J.F.S, dona de casa, 23 anos).

Seria tudo de bom, a gente vive isolada e o projeto ajudaria a vim mais rápido, água tratada, telefone, posto de saúde, escolas, o bairro seria conhecido, todo mundo olharia com mais atenção pra nós (H.N.P, dona de casa, 35 anos).

O projeto os tiraria do isolamento de cidadania. Viver isolado significa compartilhar com dificuldades de toda ordem, ou morar longe, morar como os povos da floresta, ou os ribeirinhos. Morar na cidade para essas pessoas significa ascensão social, sair do isolamento. No entanto, ao encontrarem-se na cidade, observa-se um conflito de identidade, pois eles sentem-se excluídos, tanto da sociedade quanto do conforto que a cidade oferece como infraestrutura básica de saneamento, saúde, educação, luz elétrica, coleta de lixo e transporte. O Projeto Ponta Verde de Manaus para eles significa esperança de sair do anonimato enquanto morador da cidade, significa um ganho individual das famílias colocando-as numa situação de destaque como outras áreas valorizadas pelos turistas que vêm a Manaus. Dessa forma a localidade do entorno da RFAD ganharia melhorias no processo de organização e urbanização, como existem em outros bairros considerados de melhor padrão social, como Ponta Negra e Parque Dez.

4.3. Expectativa de segurança

O projeto de turismo traria ainda a segurança desejada por sentirem desprotegidos e a mercê da intensa violência vivida nos grandes cidades. Para 16% dos moradores o Projeto Ponta Verde seria,

[...] uma boa idéia, todo mundo ia ser beneficiado existiria mais segurança. O bairro é considerado muito violento (F.F. O. dona de casa, 63 anos).

Às vezes tem uma emergência a gente chama a polícia e às vezes nem vem, com o projeto eles com certeza colocariam posto policial aqui no bairro (V.S.D, comerciante, 60 anos).

Assim, a possibilidade de mudanças ainda que não bem compreendida agradaria os moradores por se sentirem dignos dos direitos e garantias constitucionais. A situação de insegurança vivida no dia-a-dia daqueles moradores deixa aparente, a noção de violência construídas na mídia onde as áreas mais distantes dos chamados centros, são submetidas à desvalorização, isto é, morar na periferia é morar num lugar violento. Essa imagem, entretanto, nem sempre é o que os moradores vivenciam, mas concordam que tal imagem os desvaloriza. Na fala da moradora o Projeto Ponta Verde de Manaus,

[...] vai ser bem vindo, muito bom mesmo, vai melhorar a imagem do bairro, porque dizem que aqui é violento mais eu não acho (C.A.R, dona de casa, 28 anos).

O depoimento acima coloca que a percepção de “bairro violento” vem de moradores de outros lugares que não conhecem a realidade do local e por isso o atribuem como local inseguro. O Projeto Ponta Verde de Manaus contribuiria para divulgar e reafirmar uma imagem positiva do bairro mostrando que as pessoas de fora fazem um julgamento equivocado do lugar.

A aparente duplicidade da percepção bairro seguro, bairro violento é presente nos depoimentos: uns o consideram seguro, outros não. Apesar de sentirem certa sensação de tranquilidade, gostariam que fosse reforçada a segurança com a construção de postos policiais e prontos- socorros. Ainda que alguns considerem o bairro tranquilo as falas deixam evidente a necessidade da presença de policiais circulando no local que pelo projeto existir, eles seriam contemplados de forma indireta.

A circulação de pessoas de fora do Estado, ou do País, que viriam visitar e passear traria mais segurança visto que o cuidado do poder público demandaria maior proteção para os turistas e visitantes e conseqüentemente para os moradores. Para Boff (1999, p.33) cuidado representa uma “atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro”. Nesse sentido, os moradores têm a expectativa que o projeto proporcionaria essa preocupação e responsabilidade dos governantes em manter o lugar organizado e cuidado.

Além disso, a proposta em discussão promoveria um ambiente de entretenimento e lazer próximo ao local de moradia, abrindo uma opção para as famílias que não dispõem de recursos financeiros para deslocamento a outras áreas de lazer existentes na cidade,

diminuindo custos de deslocamentos e dando oportunidade para as crianças se divertirem com segurança.

4.4. Expectativa de entretenimento

Entende-se que muitas pessoas são excluídas dos equipamentos de lazer por estes se encontrarem distribuídos em locais chamados “centros” o que dificulta o acesso para as classes menos abastadas (SANTOS 1998). Para 12% dos moradores entrevistados, um projeto de lazer e turismo próximo ao local de moradia constitui-se em um privilégio. Estas expectativas podem ser observadas nos depoimentos,

[...] com certeza esse projeto vai beneficiar os moradores daqui, nossas famílias, nós aqui não temos pra onde ir com a família pra se divertir, vai ser muito bom (M.L, ajudante de caminhão, 40 anos).

Ia ser muito ficar muito bom, pois aqui para se divertir tem que ir pra longe, com esse projeto aqui perto ia ter alegria e divertimento pra todo mundo, eu minhas colegas sempre vamos a Ponta Negra e lá é muito divertido, mas se tiver um lugar assim aqui perto pra nós vai ser bem melhor (D.S.S, estudante, 18 anos).

O projeto ao ser implementado facilitaria o acesso desses moradores a áreas de lazer próximas do lugar de moradia que são um direito de todos, mas as distâncias geográficas os afastam dessas atividades. Observa-se que anseiam por lugares onde possam levar a família para desfrutar de um ambiente saudável. Parece haver um consenso que o projeto também proporcionaria, ou seja, supriria a ausência de opções de lazer para esses moradores.

4.5. Expectativa de integração com outros grupos sociais

A expectativa com a implementação do Projeto Ponta Verde lazer para 7%, está relacionada ao aspecto de diminuição das desigualdades sociais e ao mesmo tempo como integração com outros grupos sociais, de modo particular o estrangeiro. O projeto seria um elo para conhecer as pessoas de outros países. Assim o morador expressa,

Muita gente aqui nunca viu um gringo (estrangeiro) a não ser pela televisão assim eles teriam a oportunidade de conhecer, eu já vi muito deles andando por aí na cidade, principalmente no hotel tropical, porque às vezes fazia algum serviço por lá e os estrangeiros gostam desse hotel (I.L.S, mestre de obras, 31 anos).

Com a implementação do projeto estariam livres do isolamento territorial. Para os moradores não haveria a necessidade de deslocamento para tal interação. O outro morador pontua que frequenta lugares mais sofisticados mesmo que seja na condição de trabalhador,

É bom vim gente de fora, a gente conhece outras pessoas do estrangeiro e de outros lugares do Brasil, a gente não tem condição de viajar com o projeto essas pessoas de fora com certeza vão querer visitar no bairro aí a gente tem a oportunidade de conhecê-los (C.A.R, dona de casa, 28 anos).

Observa-se que as falas não divergem da visão que o turista chega e traz muito dinheiro para gastar. Entende-se que a mídia contribua para essa percepção refletindo na resposta do morador,

[...] eu vejo na televisão eles desembarcando de aviões e navios grandes de luxo (pausa) e só anda nessas coisas quem tem muito dinheiro pra gastar não é mesmo (suspiros) é assim que eu entendo, não sei se é bem isso (pausa), mas eu acho que é isso mesmo, pra mim turismo é isso, eu nunca viajei nessas coisas, mas eu acho que é isso (R.O.S, pedreiro, 47 anos).

Há um aparente consenso de que só faz turismo pessoas muito ricas, ou quem tem um bom emprego e um salário razoavelmente alto para poder bancar o suposto luxo do turismo. Diante dessa afirmação o turismo é visto como algo que não pode ser usufruído por esses moradores. Apesar de Coriolano (2003) discordar dessa visão e reafirma que o turismo foi um privilégio dos mais abastados economicamente no início da atividade, quando era muito difícil a locomoção. A realidade atual é outra, a rapidez dos transportes, hospedagens com preços bem acessíveis e facilidades de pagamentos, atrai um grande número de pessoas. No entanto, para esses moradores, o turismo continua sendo uma atividade de “outros”.

Percebe-se assim, que para os moradores as expectativas mais evidentes de mudanças são as de poder ter perto de suas casas os benefícios estipulados em legislação, pois o que se assiste no cotidiano da nossa sociedade, sob as formas mais variadas, é o exercício da negligência, da discriminação, da exploração, inclusive em termos de mão-de-obra, da violência da crueldade e da opressão.

Então a partir de uma possibilidade de mudanças percebe-se que os moradores almejam resolver os problemas que mais os preocupam. Desse modo as expectativas deles encontram apoio na tese de Santos (1998) ao argumentar que os bens e serviços de uma cidade indispensáveis a nossa qualidade de vida precisam ser distribuídos de maneira igual não importa onde estejamos. Entretanto, o que se observa segundo os relatos é a falta desses serviços públicos, independente das possibilidades de um projeto de turismo as portas de todo cidadão.

5. Considerações Finais

Ao procurar compreender fatores que envolvem projetos de conservação ambiental buscou-se dar voz ao maior interessado, o próprio morador. Eles revelaram suas expectativas com a proposta de implementação do Projeto Ponta Verde. Essa iniciativa representa para os moradores uma atividade geradora de benefícios onde em primeiro lugar estariam os econômicos e de trabalho, mas não estariam restritos nesse âmbito pois incluiria ainda aspectos sociais, culturais e ambientais. Para os pesquisadores seria uma alternativa para a conservação da RFAD, haja vista a pressão urbana que a mesma vem sofrendo ao longo dessas duas últimas décadas.

As expectativas dos moradores em relação ao projeto é que este esteja permeado de ações transformadoras, abrangendo desde a educação formal até as profissionalizantes, supra as necessidades de infra-estrutura básica como saneamento, segurança, saúde e educação e torne essa localidade conhecida da população manauense e dos de fora.

O *animus* dos moradores é muito importante ao sentir-se como parte integrante da cidade, e a implantação de um complexo turístico projeta uma concretização dos sonhos, pois por meio dele, todas as questões de infra-estrutura básicas serão parcialmente ou totalmente solucionadas e ainda resolveria um problema ambiental como outros direitos da vida cidadã.

Cabe aqui registrar que a implementação do Projeto Ponta Verde é de grande importância não apenas para a conservação da RFAD, mas como meio de promoção social. Por isso, sugere-se que ao implementá-lo seja associado às atividades de ecoturismo. Tendo em vista que o ecoturismo propõe o desenvolvimento local com sustentação nas questões ambientais, econômicas e sociais, promove ainda, a Educação Ambiental tanto para a comunidade quanto visitantes, visa à participação da comunidade receptora no planejamento, gestão e controle da atividade. Ao mesmo tempo promove a conservação dos recursos naturais da área envolvida através do uso equilibrado desses recursos. Para os moradores o turismo assenta-se como uma perspectiva que valoriza um nexo positivo entre homem e meio ambiente e que redimensiona a economia regional.

Referências Bibliográficas

- ARENDIT, Ednilson José. 2002. *Introdução à economia do turismo*. 2. ed. Campinas, SP: Alínea.
- BARDIN, Laurence. S/D. *Análise de conteúdos*. Lisboa: Edições 70.

- BOFF, Leonardo. 1999. *Saber cuidar. A ética do humano – compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis: Vozes.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. 2003. Os limites do desenvolvimento e do turismo. Em Luzia Coriolano (Org). *O turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: EDUCE. p. 13-27.
- DEL RIO, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real. 1999. Em V. DEL RIO e L. OLIVEIRA (Orgs). *Percepção ambiental: a experiência Brasileira*. São Carlos: Studio Nobel e Editora da UFSCar. Pp 3-22.
- GUATTARI, Felix. 1994. *As três ecologias*. Campinas: Papirus.
- GIL, Antonio Carlos. 1999. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- HIGUCHI, M.I.G. 2002. *Psicologia Ambiental: uma introdução às definições, histórico e campos de estudo e pesquisa*. Cadernos Universitários. Canoas: ULBRA.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. S/D. Disponível www.ibge.gov.br/.../populacao/default_censo_2000.shtm Acesso em 10.05.2005.
- MEARLEAU PONTY, Maurice. 1999. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- PAIVA, M. das Graças de Menezes V. 1995. *Sociologia do turismo*. Campinas: Papirus.
- SANTOS, Milton. 1998. *O espaço do cidadão*. 4. ed. São Paulo: Nobel.
- _____. 1997. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec.
- TRIGO, Godoi Gonzaga Luiz. 2000. *Turismo básico*. 4. ed. São Paulo: SENAC.
- TUAN, Yi-Fu. 1980. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL.
- WAHAB, Salah Eldin Abdail. 1991. *Introdução a administração do turismo*. São Paulo: Pioneira.

Recebido em: 15/11/2006 (1ª versão) 10/07/2007 (2ª versão)

Aprovado em: 07/08/2007